

Bahia

GARANTIR O DIREITO À ÁGUA LEVA DIGNIDADE À MULHER RURAL



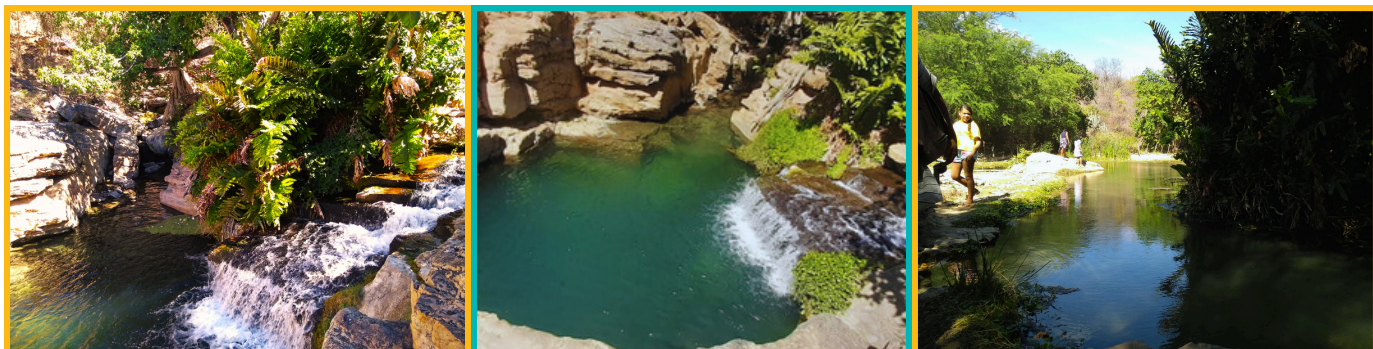
Mãe, avó, esposa, criadora de caprinos e ovinos, agricultora e artesã, essa é Luzia de Souza Ribeiro Gonçalves, 53 anos, que mora na comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Passagem do Sargento, na região do Vale do Salitre, município de Juazeiro-BA. Atualmente, a agricultora mora com seu esposo Adeisson Gonçalves de Souza, 54 anos, onde criou os dois filhos, Adson Ribeiro Gonçalves, 34 anos, e Camila Ribeiro Gonçalves, 30 anos.

Desde pequena, Luzia assumiu muitas responsabilidades, entre elas o cuidado com os irmãos mais velhos, os afazeres domésticos, além de acompanhar sua mãe na busca por água na fonte, assim como outras milhares de mulheres no Semiárido brasileiro. A agricultora, que vivenciou e sabe o peso da lata d'água na cabeça, teve a sua vida transformada com o acesso à tecnologia de captação e armazenamento de água da chuva, a cisterna de consumo de 16 mil litros, conquistada em 2006, por meio do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA).



Luzia conta que, em 1993 quando chegou na comunidade, não tinha a cisterna de consumo e apenas duas famílias tinham reservatórios pequenos para armazenamento de água. Nesse período, a vida era bem difícil, pois a principal fonte de água utilizada pela família era do rio Salitre, que, no entanto, não era de qualidade para consumo humano, devido à contaminação por agrotóxico advindo das plantações na região.

O rio Salitre é intermitente, “ou seja, ele seca em um determinado período do ano, geralmente nos meses de agosto à outubro e chuva nos meses de fevereiro a abril”, é um dos afluentes do rio São Francisco. Ele tem aproximadamente 333 km de extensão, nasce em Boca da Madeira, em Morro do Chapéu-BA, e deságua no Velho Chico, no trecho que corta Juazeiro. Atualmente, o rio Salitre enfrenta sérios problemas como: contaminação, poluição, assoreamento, desmatamento e a degradação das matas ciliares. Tem ainda os conflitos entre empresários e pequenos irrigantes na disputa pelas suas águas.



Luzia lembra que, quando criança, conheceu o rio com todo o potencial que tinha, por isso lamenta a situação em que ele se encontra hoje. “Naquela época ainda tinha água no rio que hoje ainda tem, só que só quando chove, né? Depois é rápido, acaba. Mas naquela época tinha para lavar roupa, tomar banho, essas coisas, mas para o consumo humano era complicado. A gente levava de baldinho daqui de Juazeiro”.

CAMINHO DAS ÁGUAS

A agricultora tem um zelo muito especial pela cisterna e pela água da chuva, acredita ser um dos bens mais preciosos. Para manter e garantir a água de consumo para a família, ela faz o manejo sanitário da tecnologia com a limpeza das calhas e do reservatório.

Luzia relembra das estratégias que utilizava para captar um pouco da água da chuva, antes de ter a cisterna. “Quando a gente não tinha reservatório nenhum, eu juntava várias garrafas pets. Levantava à noite a qualquer hora, mas botava bacia, o que fosse pra poder juntar, porque era difícil demais. Nem sempre a gente vinha em Juazeiro pra levar, então, o que eu conseguia de garrafa pet, eu estava enchendo, levantava à noite para botar baldes e bacia”.

Nesses 17 anos que a família da agricultora faz uso da cisterna, Luzia destaca que só foi preciso recorrer ao abastecimento de emergência, como carro-pipa, apenas duas vezes “porque a chuva foi bem escassa”.



Ela relata ainda que a família costuma ser questionada, por pessoas que atuam como apontadores (que assinam as ordens de abastecimento) do porquê não colocar água “do pipa” na cisterna e até quando vai utilizar a captação de água da chuva. A resposta é enfática: “enquanto Deus mandar chuva! Porque tem melhor do que a [água] da chuva? Não tem, né?”.

A fala de Luzia prova o quanto as cisternas, que armazenam a água da chuva pura e de qualidade para o consumo humano, são capazes de mudar a vida das famílias do Semiárido. E o quanto essa autonomia de captar, armazenar, gestar e cuidar da água incomoda aqueles que querem comercializar esse bem comum, que é direito de todo ser vivo.

Nesse sentido, o coordenador geral do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa), Cícero Félix, enfatiza a importância das famílias continuarem a priorizar a utilização das cisternas com a água da chuva, compreendendo que os carros-pipas, podem e devem ser utilizados apenas em situações de emergência.

“Dizer que a água que cai do telhado na cisterna é uma água de menor qualidade do que a água que busca no barreiro poluído, nos drenos das empresas que estão aqui irrigando com drenos envenenados, é crime. Mas é importante dizer que tem muitos interesses por trás disso, a população precisa refletir sobre essas questões para a gente não ser enganado sobre a qualidade e a importância da água que cai do telhado e é captada e armazenada na cisterna. A água é um direito humano básico, é um alimento fundamental que, inclusive, produz outros alimentos. Sem água não é possível produzir o alimento”, destaca Cícero Félix.



CUIDADOS COM A CISTERNA

Para garantir a qualidade da água de consumo, a família está atenta a alguns cuidados: fazer a limpeza periódica das calhas; pintura, para manter a conservação; e dispensar os primeiros milímetros de chuva, para que ocorra a lavagem do telhado. Além disso, depois da água armazenada, utilizar o filtro caseiro e ferver a água, em algumas situações.

Todos esses cuidados são feitos pela agricultora Luzia, que faz parte das famílias juazeirenses beneficiadas com a nova etapa do Programa Uma terra e duas águas (P1+2), da ASA com apoio do Governo Federal. A iniciativa é executada no município pelo Irpaa.



A família está otimista e já faz planos para o uso da água de produção. “ Eu fico muito contente porque a água que a gente usa é de poço, e poço é uma coisa que só Deus sabe que água tem lá embaixo, né? E a caixa [cisterna], não. Deus permitindo que chova, a gente pode armazenar e guardar para, no caso, fazer plantio de horta. É uma coisa que você sabe que está ali, está guardada”, comemora Luzia.

A agricultora reforça ainda, esperançosa, que agora terá a oportunidade de fazer um canteiro de plantas frutíferas próximo da casa do filho Adson. “ Quero muito que a gente plante pelo menos para consumo, da família e até dos próximos também. E quem sabe dá para vender”.

Com os depoimentos da agricultora Luzia, podemos constatar o quanto a realidade do Semiárido, felizmente, mudou com as cisternas. O cenário, que antes era de percorrer andando por quilômetros com balde de água na cabeça, hoje é de ter água boa do lado de casa para consumir e para produzir, transformando assim a vida das famílias, principalmente das mulheres, a quem cabia o papel de buscar a água antigamente.



Escavação do buraco da cisterna de produção.